IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

A RELAÇÃO ENTRE "A QUEDA DO CÉU" E O DISCURSO CAPITALISTA PROPOSTO POR JACQUES LACAN

Eixo Temático EIXO 10 - CORPOS, MULTIPLICIDADES E SINGULARIDADES NOS ESTUDOS DO CAMPO DISCURSIVO / AXIS 10 - BODIES, MULTIPLICITIES, AND SINGULARITIES IN DISCURSIVE FIELD STUDIES (ONLINE)

Renata Rikovski [1]
André Luiz Gellis [2]

RESUMO

Em *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (2015), Davi Kopenawa e Bruce Albert consideram que o "homem branco", ao longo dos séculos, vem destruindo comunidades inteiras de povos originários junto às florestas, cujas consequências devem ser observadas. Esse trabalho se propõe a explorar diferenças entre o discurso corrente do modo de vida indígena Yanomami descrito no livro mencionado, e o discurso do capitalista de que fala Jacques Lacan no *Seminário 17* realizado entre 1969 e 1970 e na *Conferência de Milão*, de 12 de maio de 1972, como o discurso sem laço social, que consome a si próprio e está destinado a se destruir.

Palavras-chave: A queda do céu; Lacan; Discurso do capitalista; Outro

INTRODUÇÃO

Comunidades indígenas diferem entre si, e essas diferenças sobrelevam-se ao se contrapor povos originários e "brancos". Além da relação brutal colonizado/colonizador, perpetuada por séculos, Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015) retratam modos de vida opostos, as invasões do estrangeiro, bem como a resistência contra o risco de dizimação. Por meio da escrita, B. Albert transmite as palavras de Kopenawa (2015, p. 44) sobre os Yanomami:

> [...] constituem uma sociedade de caçadores-coletores e agricultores de coivara que ocupa um espaço de floresta tropical de aproximadamente 230 mil quilômetros quadrados, nas duas vertentes da serra Parima, divisor de águas entre o alto Orinoco (no sul da

[1]Mestranda do Curso de Educação Sexual da FCL - UNESP, Araraquara renata.rikovski@unesp.br;
[2] Professor orientador: Doutor, FCL – UNESP, Araraquara andre.gellis@unesp.br;

> Venezuela) e a margem esquerda do rio Negro (no norte do Brasil). Formam um vasto conjunto linguístico e cultural isolado, subdividido em várias línguas e dialetos aparentados. Sua população total é estimada em mais de 33 mil pessoas repartidas em cerca de 640 comunidades, o que faz deles um dos maiores grupos ameríndios da Amazônia […].

Essa é uma obra elaborada por dois amigos, na esperança de que o povo Yanomani seja acolhido (ALBERT, KOPENAWA, 2015, p.64/65), cessando a sua destruição:

> Gostaria que os brancos parassem de pensar que nossa floresta é morta e que ela foi posta lá à toa. Quero fazê-los escutar a voz dos xapiri, que ali brincam sem parar, dançando sobre seus espelhos resplandecentes. Quem sabe assim eles queiram defendê-la conosco? Quero também que os filhos e filhas deles entendam nossas palavras e fiquem amigos dos nossos, para que não cresçam na ignorância.

Assim, fazem os autores, uma espécie de compêndio em que apresentam histórias familiares de um povo que culturalmente valoriza as próprias raízes, as características singulares das comunidades da floresta, que cuidam do espaço, garantindo a continuidade da fauna, flora e dos xapiri[3]. Em contrapartida, os "brancos" retratados são os que vivem fora das florestas, e a aposta da obra é a conscientização dessas pessoas.

O presente texto decorre de uma pesquisa exploratória, sem pretensões exaustivas, na qual foram abordadas características discursivas que circulam na comunidade Yanomami e são transmitidas em *A queda do céu* (2015), as quais permitem explorar aspectos do discurso do capitalista, cujo impacto foi avaliado com base em dois comentadores brasileiros das teorias de Lacan sobre o discurso e a noção de Outro.

Não ignoramos que o capitalismo é tanto um sistema econômico como um tipo de organização social, pois compõe-se de vários elementos: propriedade privada dos meios de produção, separação entre o capital e o trabalho, divisão do trabalho, existência de um mercado (que participa da regulação da atividade econômica) e o objetivo de um lucro individual para os proprietários do capital. A tais elementos, convém acrescentar a presença de representações coletivas inseparáveis do sistema capitalista. Por fim, entendemos tratar-se de um conjunto de elementos solidários cujas relações permitem a produção, a distribuição e o consumo das riquezas indispensáveis à vida de uma coletividade humana. Porém, o capitalismo não será considerado em toda a sua complexidade e principais aspectos, senão na concepção que mais se aproxima na obra

[3] Xapiri, dentro da cultura Yanomami, são espíritos que protegem a floresta, "guardiões invisíveis, os *xapiri*, imagens 'espirituais' do mundo […]" (ALBERT, KOPENAWA, 2015, p.13).

supracitada, a de um discurso que destrói o que não gera lucro imediato, e na concepção do quinto discurso proposto por Lacan, incapaz de possibilitar laço social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tarefa de mitigar os danos ambientais descritos em *A queda do céu* (2015) não é simples. Na visão indígena, a floresta é um meio de vida, dela se retira o alimento, os remédios, e para isso há a manutenção do espaço. Para o "branco", a floresta é alvo de destruição, um meio para extração de recursos naturais ainda que não regenerativos. Hoje, abundam informações sobre a destruição das florestas, não sendo mais desconhecidos os males daí resultantes, evidenciando um desequilíbrio ambiental cujos efeitos já sentimos:

> [Os brancos] não devem pensar que estamos preocupados somente com nossas casas e nossa floresta ou com os garimpeiros e fazendeiros que querem destruí-la. Estamos apreensivos, para além de nossa própria vida, com a da terra inteira, que corre o risco de entrar em caos. Os brancos não temem, como nós, ser esmagados pela queda do céu. Mas um dia talvez tenham tanto medo disso quanto nós!

O risco de caos de que falam os autores parece decorrer da diferença entre os modos de vida indígenas e do "branco", para esse, acúmulo de dinheiro a qualquer custo, para aquele, a colheita daquilo que será usado por determinada comunidade de maneira imediata (como a alimentação). Em *O tempo e o cão*, Maria Rita Khel (2009, p.91) enumera os resultados do modo de vida capitalista:

> Na sociedade de consumo, gozar é a forma mais eficaz de trabalhar para o Outro. A dimensão subjetiva dos prazeres, das pulsões, dos afetos, transformou-se em força de trabalho na sociedade regida pela indústria da imagem. O que esse trabalho produz? Nada mais nada menos que os sujeitos de que o atual estágio do capitalismo necessita: sujeitos esvaziados do que lhes é mais próprio, mais íntimo, portanto, disponíveis para responder aos objetos e imagens que os convocam; sujeitos ligados ao puro "aqui e agora" de um presente veloz, incapazes de imaginar um devir que não seja apenas a reprodução da temporalidade encurtada característica do capitalismo contemporâneo.

Dito de outra maneira, o "branco" vive acumulando coisas inúteis à sua existência, desconsiderando o colapso ambiental do qual somos alertados por Kopenawa e Albert. Esse modo de vida na floresta não está soterrado pelo emaranhado de objetos criados pelo capital, não foi fisgado pela necessidade de consumo de *gadgets* de última geração. Há 70 anos, Lacan cernia a questão justamente nos termos da autopreservação egóica (1966, p.433/434):

> O campo concreto da conservação individual, ao contrário, por suas ligações com a divisão, não do trabalho, mas do desejo e do trabalho, já evidenciado desde a primeira transformação que introduziu no alimento sua

> significação humana, até as formas mais elaboradas da produção de bens de consumo, mostra com clareza estruturar-se na dialética do senhor e do escravo […] não há por que nos surpreender, por conseguinte, com o fato de esse campo se refletir exclusivamente nessa estrutura.

A estrutura de divisão subjetiva que sustenta todo "campo concreto da conservação individual" é analisável a partir da lógica do discurso do mestre (LACAN, 1969/70), fundado na relação de domínio daquele que usufrui o saber de quem sabe o que faz: "um verdadeiro senhor não deseja saber absolutamente nada — ele deseja que as coisas andem. E por que haveria ele de querer saber? Há coisas mais divertidas." (LACAN, 1969/70, p.21). Posteriormente, este discurso irá se desdobrar no discurso do capitalista: "o que se opera entre o discurso do senhor antigo e o do senhor moderno, que se chama capitalista, é uma modificação no lugar do saber" (LACAN, 1969/70, p.30).

Pronunciado em setembro de 1953 por Jacques Lacan e considerado um ponto de inflexão na história da psicanálise, o *Discurso de Roma* (1966) invoca um retorno a Freud e às contribuições da linguística estrutural, fundamentais para a renovação da prática analítica, já antecipando em seu título a relevância futura do termo "discurso". Ao mostrar desde 1953 que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e que é a partir da alteridade simbólica mais fundamental, o Outro, que o discurso se constitui, Lacan reitera que o homem surge e cresce, tanto no ambiente dito natural como imerso em um banho de linguagem que o determina antes mesmo de seu nascimento. Determinação inconsciente, por tanto, que será investigada por Lacan no decorrer de um ensino no qual a noção de discurso ganhou cada vez mais espessura.

Antes de mais nada e para dar todo o sentido à fórmula "O inconsciente é o discurso do Outro", que Lacan forjou em 1953, é preciso entender que o termo "discurso" possui um alcance mais amplo em Lacan do que o da linguística: o discurso não é nem linguagem, nem fala, comporta muitas nuances e meandros, cujas designações exigiram a elucidação sucessiva das diferenças dos discursos entre si, não obstante a estrutura relativamente restritiva, e mesmo coerciva, que partilham: "a referência de um discurso é aquilo que ele confessa querer dominar, querer amestrar" (LACAN, 1969/70 p.65).

Ao mostrar que o discurso se origina não no ego, nem no sujeito, mas no Outro, Lacan evidencia um tipo de alienação que enfatiza o quanto a fala e a linguagem estão fora do controle consciente e como o Outro é tão somente uma espécie de lugar, já aludido por Freud em sua noção de "lugar psíquico" e de um inconsciente exposto como "a outra

cena" (FREUD, 1974). É deste lugar que a situação enunciativa mais banal pode ser melhor analisada: um falante (agente) se dirige a outro, o que corresponde à forma nuclear de um laço social tecido pela linguagem. Assim, qualquer mensagem baseada em um código linguístico — Lacan fala em cadeia significante (S1–S2) — "deve" transmitir um significado com valor de verdade e produzir um efeito no real. Para Lacan, verdade e produção são respectivamente motor e consequência real da fala, não aparecem efetivamente no plano consciente do enunciado, sendo elementos pertencentes à enunciação. Nada obstante, concernem a lugares fixos (assim como os de agente e de outro) constitutivos de qualquer discurso, mas investidos diferentemente pelos falantes.

No *Seminário 17* (LACAN, 1969/70, p.65), a produção ocupa um lugar estreitamente ligado ao do outro, a quem se deve o trabalho, evidenciando a estrutura da linguagem partilhada entre a ação de produzir a cargo do trabalhador e a elaboração do analisante. O discurso do capitalista ajuda a apreender a questão da circulação das mercadorias e da mais-valia conceituada por Marx — à condição de reformulá-la como o mais-de-gozar. Por este viés, o discurso capitalista empurra ao gozo generalizado e a uma regulação padronizada deste gozo, em um verdadeiro apelo a constituir massas. Na verdade, o discurso do capitalista é bem mais um tipo de "circuito", pois nele, ao contrário dos discursos de Lacan (1969/70), nada impede o gozo ou a satisfação. Ele corresponde ao reino do mais-de-gozar sem freio, que, no entanto, paradoxalmente restringe e encarcera o sujeito solitariamente no movimento perpétuo e sempre acelerado de um gozar jamais limitado por barreiras discursivas. A alienação em objetos de consumo é a primeira das consequências do circuito do capitalismo, além da irrupção de afrouxamentos do laço social.

De sua parte, Kopenawa (2015) relata algo próximo da dialética do senhor e do escravo: a princípio seu saber da floresta fora usado pelo "branco" como guia, ou seja, outrora o indígena servia ao capitalista como o desbravador das terras desconhecidas, hoje, se não for fisgado por esse discurso capitalista será cada vez mais esmagado no restrito território que lhe resta.

Percebe-se que fazer frente ao discurso capitalista é uma posição cada vez mais incerta, no entanto possível, visto que todos os discursos são semblantes, e no caso do capitalista, o próprio discurso "*se consome*" (1972, p.17). O problema, — ou que se fez problema — é que, havendo falta, o capitalismo se vale dela e se aproveita dos que

buscam preencher a falta constitutiva do desejo acumulando bens de consumo fugazes, confusão entre a falta-a-ser e o ter. A seu turno, Antonio Quinet, (2006, p.39) reforça que o discurso do capitalista não forma laço social como os demais discursos, apenas contato com infindáveis objetos de consumo.

O preço da destruição provocada pelo mercado capitalista e seu discurso vai além de qualquer valor monetário, afinal paga-se com a vida, com a queda do céu mostrada na obra de Kopenawa e Albert (2015) sob a forma de um aviso distribuído em várias frentes. Enfim, acumulam-se os estudos que desmistificam o sistema capitalista e seus efeitos de completude, descortinando a destruição que a acumulação de bens causa não apenas àqueles que nos alertam, mas em âmbito mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler e pesquisar a obra *A queda do céu* (2015) além de ser um prazer — pois nos transporta diretamente para a história na mata — é também um alerta preocupante. Nossas histórias são repletas de abusos contra povos originários, o que exige acurada atenção a esse problema. A análise do discurso do capitalista iniciada por Lacan, além de mostrar o seu modo de funcionamento, caracteriza a sua estrutura em curto-circuito com a própria ordem discursiva que ele discute em seu seminário de 1969/1970: um discurso que não efetiva qualquer laço social, embora contribua para certa distribuição do gozo, restrita ao consumo de objetos. Em contrapartida, o discurso que circula na comunidade indígena Yanomami é de cuidado de si e da terra onde vivem, ou seja, nela há laço possível e o vislumbre de um futuro menos destrutivo da Terra. A obra mostra que nem indígenas nem "brancos" terão ambiente para viver se nada for feito para a manutenção das florestas. Os efeitos do discurso capitalista nas sociedades cortinam os perigos que a destruição das matas ocasiona, pois nenhum objeto criado por esse sistema pode impedir a queda do céu, bem ao contrário. O sentido que resta a percorrer é aprender o cuidado que as comunidades indígenas, nesse caso os Yanomami, têm a oferecer, com as subjetividades possíveis, é dar-se conta do desamparo inerente ao humano e que nada criado através do capitalismo dará conta da falta constitutiva do sujeito.

REFERÊNCIAS

KOPENAWA, D; ALBERT, B. A queda do céu: **palavras de um xamã yanomami**. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KHEL, M. R. O tempo e o cão: **a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

LACAN, J. A coisa freudiana (1955), em: **Escritos** (1966/1998), pp. 433-434.

LACAN, J. Discurso de Roma. Em **Outros Escritos** – Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1953/2001.

LACAN, J. *Du discours psychanalytique*. **Lacan in Italia**, v. 12, 1972.

LACAN J. O Seminário, livro 17: **o avesso da psicanálise**, 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

QUINET, A. Psicose e laço social, **esquizofrenia, paranoia e melancolia**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

QUINET, A. Os outros em Lacan. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.